

**Apontamentos da Introdução e da Homilia de Julián Carrón
no retiro de Advento da Fraternidade de São José
Pacengo (VR), sexta-feira, 29 de novembro de 2019**

*À entrada: F. Schubert, Sinfonia n. 8 em si menor “Incompleta”, Carlos Kleiber - Wiener Philharmoniker
“Spirto Gentil” n. 2, Universal*

Quem de entre nós, ao participar na Jornada de Início de Ano, não desejou ser totalmente magnetizado por Cristo? Penso que no início deste nosso gesto não há nada mais urgente, para cada um de nós, do que o voltar a acontecer desta conquista do nosso eu até às entranhas. Mas isto não pode ser gerado por nós, este sermos totalmente conquistados não é fruto de uma tentativa nossa, de um êxito nosso. É uma coisa que tem de acontecer; exige, sim, a nossa disponibilidade, mas este acontecer é uma graça. Por isso, quanto mais o desejamos, mais o pedimos com intensidade ao Espírito. Pois é o Espírito quem faz Cristo penetrar dentro do nosso eu, a ponto de torná-Lo verdadeiramente nosso. Só o Espírito pode fazê-Lo penetrar até chegar ao centro do coração.

Veni, Sancte Spiritus

• *Canzone degli occhi e del cuore*

Boa noite a todos. É um prazer estar convosco, neste início do retiro de Advento, para olharmos juntos para as coisas que mais nos interessam. E o que é que mais nos interessa? No tempo de Advento – que vai começar no domingo –, o que mais interessa à Igreja é a espera. Nós esperamos! Com esta espera, queremos preparar-nos para o facto de Cristo, para o Natal. Todos os anos, eu não consigo começar o tempo de Advento pensando que esta espera é uma coisa óbvia. De facto, quantas pessoas há que não esperam? Para muitos não há nada a esperar. Nós esperarmos, portanto, não tem absolutamente nada de óbvio. Por isso, cada um de nós deve perguntar-se: «Por que é que esperamos? Porque razão é que a nossa vida está cheia de espera e de desejo?». Não é, certamente, por sermos melhores do que os outros. Perguntemo-nos então: «Quem nos dá este desejo, quem desperta em nós esta capacidade de esperar?». A espera pertence à nossa natureza – todos participam desta natureza –, mas normalmente encontramos gente que já não espera. E nós, então, porque esperamos? Porque a nós aconteceu-nos alguma coisa. Nós esperamos porque Cristo já veio e despertou em nós toda a saudade d’Ele, todo o desejo d’Ele, toda a espera por Ele. Se pensarmos em nós, na nossa espera, qual foi o seu ponto de origem senão o facto de Cristo? É como quando uma pessoa sente saudades da pessoa amada: é preciso que antes se tenha dado o encontro com ela ou com ele. Por isso, a espera d’Ele é já um sinal da presença de Cristo dentro de nós, que a desperta constantemente; uma espera que a Igreja recomenda viver ainda mais no tempo do Advento.

O que é que nós esperamos? Esperamos a Sua presença. Esperamos o Seu regresso. Por isso a Igreja liga a espera da vinda de Cristo na festa do Natal à espera do regresso final de Cristo. Como não desejar encontrar Cristo? Que unidade entre a espera da Sua presença, do Seu Natal, e a espera do regresso definitivo de Cristo! Isto não pode deixar de nos lembrar a pergunta de Jesus que citámos na Jornada de Início de Ano (e que *don Giussani* nos fez no início do ano de 2018): «Quando o Filho do Homem voltar, encontrará ainda fé sobre a terra? (Lc 18,8)». Encontrará em nós a fé, ou vai encontrar-nos atarefados? Será que vai encontrar-nos cheios de afazeres, para a Sua causa, para a Sua Igreja, mas, como nos disse *don Giussani*, com o coração longe de Cristo, porque Ele já não é o tesouro do nosso coração? Esta é a pergunta que sentimos como mais pertinente à nossa vida, pois até podemos fazer muitas coisas, mesmo coisas certas, mas quantas vezes nos surpreendemos porque o nosso coração não está tomado por Ele! Quando isto acontece, é como se Ele não existisse, é como se Cristo não tivesse a atratividade suficiente para conquistar tudo de nós, é como se não preenchesse toda a espera que despertou em nós. Mas se Ele não preenche o nosso coração, acabaremos por ficar distraídos com todas as outras coisas, quer queiramos quer não. Se Ele deixasse de nos conquistar, se deixasse de ser interessante para nós, ficaríamos à mercê de tudo o resto. Aquilo que dizíamos na Jornada de Início de Ano é um teste para cada um de nós: na situação de niilismo em que vivemos – como dizia Galimberti –, em que nada parece conquistar-nos totalmente, ficamos como barcos sem amarras; se nada consegue magnetizar-nos totalmente, ficamos à mercê de tudo, de todas as coisas que temos de fazer, de todas as

nossas preocupações, de todos os nossos pensamentos.

Se Ele voltasse neste instante, ainda encontraria alguém conquistado pela Sua presença, ainda encontraria alguém totalmente conquistado pela fé n'Ele? Insisto, podemos fazer muitas coisas e não estar conquistados. É quase inevitável. Se pegarmos nas frases citadas por *don* Giussani no início da Escola de Comunidade sobre *Gerar rasto na história do mundo* – frases das quais ele viveu por muitos anos –, por exemplo esta: «Que é o homem para Vos lembrardes dele, o filho do homem para dele cuidares?» (Sl 8,5), e fizermos a comparação connosco, não sei se também vos acontece, mas eu digo-me sempre: que poder tinham sobre ele! Não julguem de forma errada esta minha afirmação, não a façam para nos autoflagelarmos por não estarmos à altura, mas para despertar toda a nossa inveja: o que é que perdemos se não nos acontecer também a nós o que acontecia a *don* Giussani diante de algumas perguntas do Evangelho? Digo-o apenas para despertar toda a nossa vontade, todo o nosso desejo de viver a mesma experiência. Se *don* Giussani pôde viver assim, também nós podemos viver assim. Como dizia uma pessoa acabada de chegar e totalmente conquistada: «É possível viver assim?».

O que pode haver de mais bonito do que começar o caminho da São José com esta pergunta? «Mas é possível viver assim?». Nós podemos responder: «Sim». Sim, porque vimos alguém viver assim até ao último instante. Quase no fim da sua vida, ouvimo-lo dizer diante do Papa e de toda a Igreja, na Praça de São Pedro: «“Que é o homem para Vos lembrardes dele, o filho do homem para dele cuidares?” Na minha vida, nunca nenhuma pergunta me impressionou tanto como esta» (L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, p. 7), de tal modo o conquistou. Então não percam tempo a medir-se, mas façam com que este desejo de viver assim se torne um pedido a Cristo: «Senhor, eu não quero perder a vida vivendo. Eu quero ser conquistado como vi, como vejo que *don* Giussani foi conquistado, como vejo ao meu lado pessoas conquistadas, até mesmo a última a chegar». Quantas vezes o último a chegar nos devolve, a nós, que podemos estar aqui há tanto tempo, toda a frescura da vocação, como a amiga que perguntou: «Mas é possível viver assim?».

Que responsabilidade temos de testemunhar a quem chega, aos outros – não com palavras, mas com uma vida conquistada – que é possível viver assim. Que mais podemos desejar para nós? Que quando Cristo voltar ainda encontre em nós uma pessoa toda magnetizada por Ele, toda conquistada por Ele. Sem esta Sua conquista, nada nos pode magnetizar. Como dizia Malraux, o pensador francês: «Não há ideal a que possamos sacrificar-nos, porque de todos eles conhecemos a mentira, nós os que ignoramos em absoluto o que seja a verdade» (A. Malraux, *A tentação do Ocidente*, Lisboa, Livros do Brasil, 2005). Se não houvesse nada tão verdadeiro, tão fascinante, tão belo a ponto de nos atrair e conquistar, Malraux teria razão.

E nós? Temos algum recurso para nos deixarmos atrair? Muitas vezes pensamos: «Sim, temos a nossa vontade, a nossa energia, as nossas atividades». Mas não é isso. Nós temos uma coisa mais elementar do que tudo isto, pois não é preciso nenhuma capacidade especial para nos deixarmos conquistar. Sabem o que é preciso? Uma coisa graças à qual uma realidade como a vossa pode ser uma possibilidade para todos, qualquer que seja a situação, a idade, a condição e as circunstâncias que tenham vivido. O quê? A nossa humanidade, a vossa humanidade. Vocês hoje, aqui, são para mim o maior espetáculo de como qualquer tipo de humanidade pode ser conquistada por Cristo! Não importa em que situação uma pessoa se encontra. Basta que se deixe conquistar tal como é. É precisamente esta nossa humanidade – que tantas vezes vivemos quase com desgosto, porque as contas não batem certo, porque não nos agrada, devido aos muitos limites que identificamos em nós –, que é a única, a única capaz de ser conquistada por Cristo, e conquistada até às entranhas. Por isso é maravilhoso ver isto no Evangelho e também em vocês: cada um, com o seu próprio caminho, com as suas próprias dificuldades, com a sua própria história, pode ser conquistado, como a pecadora de que falamos na Jornada de Início de Ano: aquela mulher tinha tentado satisfazer o seu desejo de muitas formas (tal como a Samaritana tinha trocado cinco vezes de marido), mas o que é que permanecia nela, para além de todos os seus erros? A sua humanidade – mesmo com todos os erros cometidos –, tanto assim é que, quando encontrou aquele Homem – Jesus –, ficou tão magnetizada que não houve maneira de a impedir, desafiou todos, foi ao banquete para lavar os Seus pés com as suas lágrimas. Esta é uma das coisas mais bonitas que *don* Giussani nos comunicou: identificando-nos continuamente com o Evangelho (ao passo que nós normalmente lemos estes relatos dando-os por óbvios), identificando-nos uma e outra vez, fez-nos vibrar mostrando-nos como Jesus se dirige à nossa humanidade, como Jesus se dirigia à humanidade ferida, às vezes cheia de limites; nada O detinha.

Se por um instante olhássemos assim para a nossa humanidade! Se nos surpreendessemos num instante de ternura pela nossa humanidade! Seria uma festa. Uma festa! Como dizia *don* Giussani na Praça de São Pedro em 1998: «Nenhuma mulher alguma vez ouviu outra voz falar do seu filho com semelhante ternura original e indiscutível valorização do fruto do seu seio, com tal afirmação totalmente positiva do

seu destino; só a voz do hebreu Jesus de Nazaré. [...] Nenhum homem se pode sentir definido a si próprio com esta dignidade de valor absoluto, independentemente das suas capacidades. Jamais alguém no mundo pôde falar assim!» (*Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., pp. 7-8). O que deve ter vibrado em *don* Giussani ao longo de toda a sua vida para poder dizer isto! Não tinha um Evangelho diferente do nosso e não ouvia outro Evangelho. O Evangelho era o mesmo que nós lemos, mas muitas vezes nós não o compreendemos como ele o percebia. Consequentemente, a nossa vida não é conquistada.

O que será que *don* Giussani experimentou para chegar a dizer uma coisa como esta? «Só Cristo Se interessa totalmente pela minha humanidade. [...] “Quem poderá jamais falar do amor ao homem que é próprio de Cristo, transbordante de paz?” Repito estas palavras a mim mesmo há mais de cinquenta anos!». (Ibidem, p. 8). Só se a nossa humanidade for agarrada e abraçada assim é que podemos tornar-nos realmente nós mesmos. Isto não depende de um esforço nosso, mas simplesmente de nos deixarmos conquistar totalmente: «Cristo atrai-me todo a si, tão belo é!» (Jacopone da Todì, “Lauda XC”, in Idem, *Le laude*, Florença: Libreria Editrice Fiorentina, 1989, p. 313). Por isso *don* Giussani sempre nos disse, como podemos ler no início de *Na origem da pretensão cristã* – que comoção cada vez que o relemos! –, no primeiro parágrafo: «Não seria possível dar-mo-nos plenamente conta do que é que quer dizer Jesus Cristo se primeiro não nos dêssemos bem conta da natureza daquele dinamismo que torna homem o homem. De facto, Cristo coloca-se como resposta àquilo que “eu” sou», sim, à minha humanidade, ao meu eu. «É só uma tomada de consciência atenta e também terna e apaixonada de mim mesmo [reparem na diferença entre como nós tratamos a nossa humanidade e como *don* Giussani olha para a sua] me pode abrir de par em par e dispor-me a reconhecer [...] Cristo». De facto, «sem esta consciência, até o nome de Jesus Cristo se torna um puro nome» (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2012, p. 13).

Por isso é impressionante quando ouvimos as pessoas intervirem, por exemplo na Escola de Comunidade; lembram-se do testemunho daquela amiga nossa que hoje está aqui connosco? Ela encontrou uma jovem mãe muçulmana que a certa altura tirou o véu e lhe mostrou o rosto. Como é que se terá sentido olhada por ela, que intensidade de olhar não deve ter sentido sobre si para ter feito este gesto? Este gesto comunica Cristo mais do que todos os discursos que possamos fazer sobre Ele. Portanto não se escandalizem, como fazem alguns, quando uso a expressão «até às entranhas»! Se esta mulher não se tivesse sentido conquistada até às entranhas devido ao encontro com a nossa amiga, nunca teria tirado o véu, nem morta! No entanto, como se sentiu invadida! – como disse *don* Giussani diante do Papa: «Reconhecer o que é Cristo na nossa vida investe então a totalidade da nossa consciência da vida» (*Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 8) –, ainda que não saiba ainda o que lhe aconteceu. O que será que ela experimentou, que a tornou ela mesma a ponto de ser livre, de comunicar tudo de si, de se desvelar diante da nossa amiga? Quem não gostaria de ficar magnetizado assim por Cristo?

Nós começamos este tempo de Advento com o desejo de que o Natal não seja uma mera formalidade, uma data que tem de ser lembrada, que não nos faz esperar mais do que um almoço em família. Que potência quando Cristo acontece, como experimentaram os pastores, Nossa Senhora, São José! Diante daquele facto, absolutamente transtornante, a letícia – a letícia! – invadiu toda a sua vida. Via-se que tinham reconhecido alguma coisa, pois a letícia enchia-lhes o coração. *Don* Giussani descreve milimetricamente o que acontece quando alguém O reconhece: «Que o reconhecimento, depois, é verdadeiro, vê-se no facto de que a vida, assim, contém uma última e tenaz capacidade de letícia» (Ibidem).

Por isso, quando vemos determinadas personagens no Evangelho, que com simplicidade de coração deixaram que a humanidade de Cristo expressasse toda a Sua paixão pela sua humanidade, ficamos sem palavras.

«Chegaram a Jericó. Quando ia a sair de Jericó com os seus discípulos e uma grande multidão, um mendigo cego, Bartimeu, o filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho. E ouvindo dizer que se tratava de Jesus de Nazaré, começou a gritar». Só se grita quando se está diante de alguém, espera-se alguém que se encontrou. Nós esperamos porque nos aconteceu encontrar Alguém. Nós podemos gritar porque há Alguém presente a quem nos podemos dirigir. Muita gente deve tê-Lo visto passar, mas quem gritou para Jesus? Só aquele cego. «Jesus, filho de David, tem misericórdia de mim!» Muitos, que não sentiam a urgência de gritar por não precisarem que Ele respondesse a toda a sua humanidade, repreenderam Bartimeu para que se calasse, uma vez que estava a incomodar. Mas ele estava tão conquistado por aquela Presença, que não pôde deixar de gritar, e gritar ainda mais alto: «Filho de

David, tem misericórdia de mim». (Mc 10,46-48).

Quando Jesus nos vê tão desejosos, o que é que Ele faz? O cego de nascença não tinha participado num curso de Exercícios Espirituais, simplesmente seguiu a sua humanidade. Não é preciso um *master* em Harvard ou qualquer coisa de especial, senão ser desejoso. Bartimeu era como os outros, mas ao contrário dos outros importava-se com a sua própria humanidade, de modo que não se contentava com menos do que tudo, e por isso gritava. Então Jesus, enquanto os outros tentavam calá-lo, «parou e disse: “Chamai-o!” Chamaram o cego, dizendo-lhe: “Coragem, levanta-te que Ele chama-te!”». Imaginem como este homem se deve ter sentido: «E ele, atirando fora a capa, deu um salto e veio ter com Jesus». Na sua sobriedade milimétrica, o Evangelho não aumenta as coisas, mas todos imaginamos a cena com precisão. «Atirando fora a capa, deu um salto e veio ter com Jesus. Jesus perguntou-lhe: “Que queres que te faça?”» (Mc 10,50-51). Jesus comoveu-se com o nosso nada, com a nossa humanidade tal como é. «Que é o homem para Vos lembrardes dele, o filho do homem para deles cuidardes?». Em Jesus vemos encarnada a resposta ao Salmo 8. O que Jesus vê em nós que nós não vemos? Por isso também nós Lhe gritamos: «Rabuni, que eu veja», que eu consiga ver. Jesus deu ao cego de nascença muito mais do que a vista física; ao curá-lo não permitiu simplesmente que ele visse quem estava na sua frente, mas alargou a sua capacidade de ver, fazendo-o reconhecer a excepcionalidade da Sua presença. Tanto é verdade, que depois de Jesus lhe ter dito: «A tua fé te salvou», o Evangelho narra que O seguiu. O que será que ele viu, que não pôde fazer outra coisa senão segui-Lo?

A fé a que se refere Jesus com a pergunta: «Quando o Filho do Homem voltar, encontrará ainda fé sobre a terra?», não é o resultado de um esforço nosso, mas consiste na simplicidade de um reconhecimento por termos sido magnetizados, conquistados, como aconteceu com Bartimeu: «Que eu veja», que eu seja conquistado. «E imediatamente ele começou a ver e foi seguindo Jesus pelo caminho» (Mc 10-51-52). O seguir não é um esforço nosso, mas sim porque não queremos perder o que vimos.

Por isso, no início deste retiro, peçamos que Ele nos cole, que nos cole com «punhados de cola», porque, se Cristo não nos colar, quando voltar não encontrará em nós a fé; talvez encontre alguém atarefado, mas não conquistado, magnetizado por Ele.

Aproveitemos estes dias para nos ajudarmos, para nos sustentarmos neste grito, o mesmo do cego de nascença: «Senhor Jesus, tem misericórdia de nós!» Este grito nasce do desejo de sermos magnetizados por Ele. Assim poderemos surpreender-nos mais uma vez com a Sua vinda. Que nos encontre a todos desejosos d’Ele! Se viesse agora, se por acaso viesse agora – seria o máximo se viesse tão cedo! – e encontrasse toda a São José desejosa d’Ele, não seria bonito? Não seria a coisa mais bonita? Quem não deseja isto? Nada é comparável a isto. Portanto peçamo-Lo, ajudemo-nos uns aos outros neste grito por Ele que vem. No silêncio destes dias, que nada nos distraia deste grito. Afinal, quanto mais O desejamos, mais abrimos espaço para Cristo conquistar tudo de nós e assim – qualquer que seja a forma da Sua vinda à nossa vida – podemos ouvir, como disse ao cego de nascença: «A tua fé te salvou», ou seja, o teu reconhecimento d’Ele te salvou, a tua disponibilidade te salvou, o teu deixá-Lo entrar te salvou, não a tua capacidade, mas o teu deixá-Lo entrar. O que é a salvação? A salvação não é qualquer coisa que acontece como uma rotina, e sim este ser conquistado – vibrando – por Ele.

Não desejamos mais do que ser totalmente magnetizados por Cristo, pelo Cristo que vem. Dissemos na Jornada de Início de Ano: «Este é, então, o teste que comprova a presença de Deus na história, ou seja, Cristo que opera na nossa vida: que somos «bloqueados», magnetizados por Ele» (*Quem é este?*, op. cit., p. 23). Cristo assumiu a nossa humanidade precisamente para nos magnetizar. Se a distância da Sua divindade não se fizer novamente concreta, humana, carnal, histórica a ponto de nos magnetizar, viveremos como barcos sem amarras, mesmo se continuarmos na associação ou na Igreja ou num clube cristão qualquer. A questão não é ter o cartão de membro do grupo ou do clube, a verdadeira questão aqui é só uma: ficar magnetizado, a ponto de poder gritar a toda agente: «Cristo existe, há Alguém que responde a este nosso nada!». Há Alguém que toma conta de nós. Há alguém que nos salva de estarmos à mercê de tudo, uma Presença capaz de nos fascinar para sempre, qualquer que seja a situação, a idade, a condição de vida, a história e as feridas que carregamos conosco. Nada disso é um obstáculo. E quem pode gritar isto melhor do que vocês? De onde pode vir uma sinfonia mais bonita, maior e mais capaz de não deixar ninguém sentir-se excluído? É um consolo que na Igreja de Deus haja lugares como este, onde é possível encontrar um grupo de pessoas tão diferentes, que passaram por todas as aflições e todas as dificuldades da vida, tendo-se encontrado nas condições existenciais mais variadas. Um grupo mais heterogêneo do que este é difícil de encontrar, aliás, acho que é praticamente impossível. Mas isto quer dizer que é para todos, para todos sem exceção. Isto tira qualquer reserva, porque tudo se apoia no ser conquistado, magnetizado por Cristo presente.

Como eu disse aos amigos do Conselho Diretivo da São José, pensando em vocês veio-me à cabeça uma frase que resume a vossa vocação; pela condição em que estão, a vossa forma de vocação pode ser sintetizada com estas palavras de *don* Giussani: «A força de um sujeito está na intensidade da sua autoconsciência» (*O Sentido de Deus e o Homem Moderno*, Lisboa: DIEL, 1998, p. 139). Cada um de vocês, nas condições em que vive, baseia tudo na consciência de estar magnetizado por Cristo. Esta é a vossa força, esta é a força do testemunho que vocês dão de Cristo, na mais ilimitada variedade de formas. É extraordinário haver na Igreja um lugar como este. Aqui se demonstra a vitória de Cristo, uma vitória que vocês, na simplicidade de se deixarem conquistar por Ele, testemunham a todo o mundo. Na Missa, peçamos esta simplicidade.

SANTA MISSA

Liturgia da santa Missa: Dn 7,2-14; Sl. Cf. Dn 3,75-81; Lc 21,29-33

HOMILIA

Após a leitura do profeta Daniel, cheia de animais estranhos – como se estivéssemos a ver uma cena de um filme –, dissemos: «Palavra do Senhor. Graças a Deus». Mas que palavra é essa, pela qual damos graças a Deus? E o que é este livro estranho? É um género literário nascido num momento de perseguição do povo de Israel, de modo que, para manter a fé dos judeus, era preciso falar uma linguagem inacessível aos inimigos. Por isso ninguém o entendia – nem vocês –, a não ser quem era introduzido ao significado das imagens. Por meio da visão das grandes feras que emergem do mar, do profundo do abismo, Daniel fala ao povo sobre os reinos que lutam contra Israel, contra os fiéis do Deus de Israel. O primeiro animal é parecido com um leão com asas de águia, o segundo assemelha-se a um urso, etc. (como os animais estranhos de alguns dos filmes que os vossos sobrinhos veem). São o símbolo dos poderes, dos impérios da época, que perseguiam os judeus; no tempo em que o profeta Daniel escrevia, eram os descendentes de Alexandre, o Grande que oprimiam Israel (vimos isto recentemente também nas leituras do livro dos Macabeus). Com este género literário, chamado “apocalíptico”, procurava-se sustentar a fé do povo. É como se Daniel dissesse: «Vejam que estes impérios não são nada, mas nada mesmo; parecem ter um poder que nos amedronta, que nos assusta, mas na verdade não são nada». Com efeito, juntamente com a descrição do poder destes animais, o profeta introduz uma nova imagem, a de um ancião, que é o sinal de Deus e que por isso é descrito na linguagem do Antigo Testamento com os sinais próprios do divino, que são a veste branca como a neve, os cabelos da cabeça como lã pura e o trono no qual está sentado. Daniel serve-se da figura do ancião sentado no trono enquanto julga todos os povos, para que aqueles que eram perseguidos não permanecessem no medo. O ancião, de facto, tinha milhares de milhares que o serviam e milhões de milhões que o assistiam; dele chega o juízo: «Foi-lhes tirado o poder», que era como dizer: «O poder e a duração de cada reino representado pelos animais têm um termo, não se assustem! Parecem destinados a durar para sempre, mas na verdade não são nada». Porquê? Porque «vinha um como filho de homem» a quem serão dados «poder, glória e realeza». Será justamente esta a expressão com que Jesus se designará a si mesmo: «O Filho do Homem». Com efeito, dirá: «Quando o Filho do Homem voltar, encontrará ainda fé sobre a terra?» (Lc 18,8). É como dizer: «Quando eu voltar, ainda encontrarei alguém que tenha acreditado no poder da minha Presença?».

Nós também, como o povo de Israel, nos sentimos assediados, e às vezes ficamos amedrontados com a situação em que estamos, por causa das condições em que somos chamados a viver a fé. Precisamente por isso, a Igreja hoje faz-nos ouvir estas leituras, e é como se nos dissesse: «Todas estas coisas não são nada, nada, mas nada mesmo! Mas será que ainda há alguém que crê n’Ele e não se deixa assustar por estas coisas?». E que sinal nos dá? O do Evangelho, que é mais admirável ainda do que o dado pelo profeta; Jesus dá um exemplo quase banal, mas decisivo: «Olhai a figueira e todas as árvores. Quando verdes que elas têm rebentos». No tempo de Advento ouviremos várias vezes ser proposta esta imagem do rebento. É como se víssemos um tronco enorme, 99,9% dele seco, sobre o qual desponta um rebento.

Um rebento! Quem apostaria num rebentinho!? Mas toda a secura do tronco não consegue eliminar o rebento. Nele está depositada toda a esperança de que aquela árvore possa renascer. Um rebento. Tudo o resto não é nada, não pode nada contra o poder deste rebento. Com esta imagem, Jesus está a dizer: «Se não olhardes para o rebento que eu ponho diante dos vossos olhos, no meio de toda a situação de perseguição – naquela época e hoje em dia – e de confusão, se não prestardes atenção a este rebento, sereis esmagados pelo medo».

Jesus tranquiliza-nos: «O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar». Esta é a certeza pela qual podemos dizer «Sim», «Palavra do Senhor. Graças a Deus», porque a Sua palavra se cumpre. Sabem por que se cumpre? Porque de todos os reinos do tempo de Alexandre, o Grande, dos Medos, dos Persas, de Nabucodonosor, não resta nada, nada, nada mesmo! Ao passo que Ele permanece, como testemunha cada um de nós que O reconhece. As Suas palavras não passam, e hoje nós somos a prova disso.